



O Museu Nacional dos Coches assinala o centenário do nascimento de José Saramago.

Nesta obra emblemática encontramos, no capítulo XXII, a narrativa do episódio marcante na nossa história conhecido por “Troca das Princesas”. O autor faz um relato minucioso, em 14 páginas, onde descreve a ida do cortejo real até Elvas, as viaturas em que viajavam e a cerimónia.

Neste duplo matrimónio o rei D. João V casa o seu filho, Infante D. José, com a Infanta D. Mariana Vitória de Espanha e a sua filha, Infanta Maria Bárbara, com o Infante D. Fernando de Espanha.

Na exposição permanente do Museu Nacional dos Coches estão expostas várias viaturas hipomóveis utilizadas nesta viagem: o Coche da Mesa, Berlindas da Casa Real e o Coche de noivado de Mariana Vitória.

Excertos da obra:

“Porém, ainda se encontram famílias felizes. A real de Espanha é uma. A de Portugal é outra. Casam-se filhos daquela com filhos desta, da banda deles vem Mariana Vitória, da banda nossa vai Maria Bárbara, os noivos são o José de cá e o Fernando de lá, respectivamente, como se costuma dizer. Não são combinações do pé para a mão, os casamentos estão feitos desde mil setecentos e vinte e cinco. Muita conversa para a conversa, muito embaixador, muito regateio, muitas idas e vindas de plenipotenciários, discussões sobre as cláusulas dos contratos de matrimónio, as prerrogativas, os dotes das meninas, e não podendo estas uniões ser feitas à ligeira, nem à porta do talho, onde grosseiramente se diz que são combinados os amiganços, só agora, quase um lustro passado, se fará a troca das princesas, uma a ti, outra a mim.” (pág. 202)

“Madrugada, escuro ainda, eram umas cinco e meia, saiu el-rei para Vendas Novas, mas primeiro que ele saiu João Elvas, porque queria, com os seus olhos, ver passar a comitiva em aparato completo, não o confuso arraial da partida, com as viaturas a tomar os seus lugares, às ordens do mestre-de-cerimónias, entre berros de sotas e cocheiros, gente pouco travada de língua, como geralmente é conhecido.” (pág. 205)

“Olha, João Elvas, depois do tenente e dos trombetas e atabaleiros que já passaram, mas esses conhecias tu, que foste da arte, vem agora o aposentador da corte com os seus subalternos, é ele quem tem a responsabilidade dos cómodos, aqueles seis a cavalo são correios de gabinete, levam e trazem as informações e as ordens, agora passa a berlinda com os confesores do rei, do príncipe e do infante, não imaginas a carga de pecados que ali vai, pesam muito menos as penitências, depois aparece a berlinda com os moços do guarda-roupa, para que é esse espanto, sua majestade não é pobretão como tu, que só tens o que trazes em cima do corpo, coisa estranha, ter só o que se traz em cima do corpo, e outra vez não te espantes com essas duas berlindas cheias de clérigos e padres da

Companhia de Jesus, nem sempre galinha, nem sempre sardinha, umas vezes companhia de Jesus, outras vezes companhia de João, ambos reis, mas estas acolitâncias não são de sabor menor, e por falar disto, aí tens a berlinda do estribeiro-menor, as três que vêm atrás são do corregedor da corte e dos fidalgos da casa de el-rei, segue-se a estufa do estribeiro-mor, depois os coches dos camaristas dos infantes, e agora atenção, agora é que começa a valer a pena, estes coches e estufas vazios que passam são os coches e estufas de respeito das reais pessoas... (Páginas 205/206)

João Elvas, por muitos anos que ainda tenhas para viver nunca hás-de esquecer este momento de felicidade perfeita, quando viste D. João V passando no seu coche, (pág. 206)

Bem desejava a princesa D. Maria Bárbara dormir, repousar daquela aflita insónia, mas os solavancos do coche, a gritaria dos atletas da força, o tropear dos cavalos que iam e vinham com ordens, atordoavam-lhe a pobre cabecinha, punham-na em grande angústia, que trabalhos, meu Deus, tanta confusão para casar uma mulher, é certo que princesa. (pág. 211)

De Montemor a Évora não vão faltar trabalhos. Voltou a chover, tornaram os atoleiros, partiram-se eixos, rachavam-se como gravetos os raios das rodas. A tarde caía rapidamente, o ar arrefecia, e a princesa D. Maria Bárbara, que enfim adormecera, (pág. 213)

Está el-rei à espera, com os infantes D. Francisco e D. António, está o povo de Évora dando vivas, a luz dos archotes tornou-se esplendoroso sol, os soldados dispararam as salvas do estilo, e quando a rainha e a princesa passam para o coche de seu marido e pai, o entusiasmo atinge o delírio, nunca se viu tanta gente feliz. (pág. 214)

Enfim, pela manhãzinha do dia dezasseis, oito dias depois de ter partido el-rei de Lisboa, saiu completo o cortejo para Elvas, rei, capitão, soldado, ladrão, são irreverências de garotos que nunca viram tanta magnificência junta, imagine-se, só as carruagens da casa real são cento e setenta, agora ponham-me as dos muitos nobres que também vão, e as das comunidades de Évora, e as de particulares que não querem perder a ocasião de ilustrar a história da família, teu trisavô acompanhou a família real a Elvas quando foi da troca das princesas, nunca te esqueças, ouviste. (pág. 215)

“Passava das cinco da tarde quando o cortejo chegou à cidade. Salvou a artilharia, e tão combinadas estas coisas pareciam, que do outro lado da fronteira retumbaram igualmente uns tiros, era a entrada dos reis de Espanha em Badajoz, quem aqui tivesse vindo desprevenido julgaria que estaria para travar-se uma grande batalha, contra o costume indo ao combate o rei e o ladrão, além do soldado e capitão que sempre vão. Porém, são tiros de paz, fogos de outro artifício, como à noite as luminárias e as artes pirotécnicas, agora desceram o rei e a rainha do coche, o rei quer ir a pé, da porta da cidade até à catedral, mas o frio é tanto, rapa nas mãos que as engadonha, rapa na cara que a arrepanha, a pontos tais que D. João V se resigna a perder esta primeira escaramuça, volta a subir para o coche, ...”(pág. 215)

“Quando, no dia dezanove, saiu el-rei de Elvas a caminho do Caia, que é logo ali adiante, levando a rainha e os príncipes, com os infantes todos, estava o mais formoso tempo que se podia desejar, cheio de sereno e agradável sol. Imagine, pois, quem lá não esteve, as galas do extensíssimo cortejo, os frisões de crinas entrançadas puxando os coches, as cintilações do ouro e da prata, as trombetas e os atabales à compita, os veludos os archeiros, os esquadrões da guarda, as insígnias da religião, as faiscantes pedrarias, já tínhamos visto tudo isto debaixo de chuva, agora juraremos que não há nada como o sol para alegrar a vida dos homens e honrar as cerimónias. “(pág. 216)

“Foi graças a esta decisão que pôde, para dar ajuda à transportação de materiais, entrar na casa onde se encontrarão os reis e os príncipes, a qual foi construída sobre a ponte de pedra que atravessa o rio. Tem essa casa três salas, uma de cada lado para os soberanos de cada país, outra central para as entregas, toma lá Bárbara, dá cá Mariana.” (pág. 216)